

MEC-SETEC

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE

**Campus: Bagé, Camaquã, Charqueadas, Gravataí, Lajeado, Passo Fundo, Pelotas,
Pelotas – Visconde da Graça, Santana do Livramento, Sapiranga, Venâncio Aires.**

PROVA DE REDAÇÃO

INSTRUÇÕES

CADERNO DE REDAÇÃO

1. Verifique se o caderno de redação contém instruções, coletânea e folha para rascunho.
2. Faça o rascunho na folha destinada para tal.
3. Escreva a redação definitiva com caneta azul ou preta entre 20 e 30 linhas.
4. Entregue a folha da redação definitiva ao fiscal da sala.
5. Comunique ao fiscal, antes do início da prova, qualquer irregularidade encontrada no material.

NÃO SERÃO ACEITAS RECLAMAÇÕES POSTERIORES.

VESTIBULAR PARA OS CURSOS SUPERIORES – ANO 2026/VERÃO

PROVA DE REDAÇÃO

Instruções

1. O texto deverá ter entre 20 e 30 linhas e ser entregue obrigatoriamente na folha definitiva. Não será considerado o rascunho para fins de correção.
2. A redação que não atingir o mínimo de 15 linhas, que fugir ao tema proposto ou que não atender à tipologia textual exigida receberá NOTA ZERO.
3. Os textos motivadores apresentam recortes do tema, servindo apenas para reflexão e estímulo do pensamento. Em hipótese alguma, a redação poderá conter cópia de trechos desses textos.

Considerando as ideias propostas nos textos motivadores a seguir e seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, na modalidade formal da língua portuguesa, sobre o tema: **Inteligência artificial: capacidades cognitivas humanas e suas consequentes ações podem ser substituídas eficazmente na nova era da automação?**

TEXTO MOTIVADOR 1



Disponível em: <<https://www.cingo.com.br/inteligencia-artificial-preditiva-e-preventiva/>>

Acesso em: 13 ago.2025.

TEXTO MOTIVADOR 2

A inteligência artificial: o superego do século XXI.

Éric Sadin

Só se fala disso. Ela concentra toda a nossa atenção. Toda semana está na capa das revistas. Em poucos anos, transformou-se na nova obsessão da nossa época. Na realidade, essa criatura com traços enlouquecedores tende a produzir uma espécie de tontura. Todos querem apropriar-se dela (empresas, políticos, centros de pesquisa...), uma vez que ela nos permite vislumbrar perspectivas econômicas ilimitadas, assim como a emergência de um mundo totalmente seguro, otimizado e fluido. Como os leitores já terão entendido, esse novo ídolo do nosso tempo é a inteligência artificial.

Não deixamos de falar sobre suas possíveis consequências, mas sem tentar identificar sua causa ou apreendê-la a partir de uma visão de conjunto. Pois bem, sua origem pode ser identificada: é uma mudança de status das tecnologias digitais. Pois elas trazem embutida uma função que, até recentemente, jamais teríamos imaginado. De agora em diante,

alguns sistemas informáticos têm – seria melhor dizer: nós lhes damos – uma vocação singular e perturbadora: enunciar a verdade.

O digital erige-se como um poder 'aleteico', destinado a revelar a *aleteia*, ou seja, a verdade, no sentido definido pela filosofia grega antiga, isto é, como a manifestação da realidade dos fenômenos, em oposição às suas aparências. Erige-se como um órgão que permite avaliar o real de uma maneira mais confiável do que nós mesmos seríamos capazes e revelar-nos dimensões que até este momento estavam ocultas à nossa consciência.

A inteligência artificial destina-se a impor sua lei, orientando das alturas da sua autoridade as questões humanas. Não de maneira homogênea, mas em diferentes graus desde o nível do incitamento, através dos assistentes digitais pessoais que, por exemplo, aconselham uma dieta, passando por um nível prescritivo, no caso da concessão de um empréstimo bancário, até atingir níveis coercitivos e emblemáticos na área do trabalho, quando os sistemas ditarem às pessoas os gestos que devem executar.

Doravante, uma tecnologia adquire um “poder de injunção” que implica a progressiva erradicação dos princípios jurídico-políticos constitutivos da nossa base, isto é, o livre exercício da nossa capacidade de julgamento e de ação. Substitui estes últimos por protocolos destinados a modificar cada um dos nossos atos, insuflando e inclusive sussurrando-nos ao ouvido a direção correta que devemos seguir.

Em cada situação incerta, temos a tendência a avaliar vantagens e desvantagens. Neste caso, evocam-se geralmente, entre outros pontos, por um lado, os supostos progressos que o diagnóstico médico poderá sofrer e, por outro lado, a destruição anunciada de muitas profissões que exigem muitos conhecimentos. No entanto, é estranho observar que o fenômeno mais notável é sistematicamente ocultado, a saber: a figura humana deve se submeter às equações de seus próprios artefatos, e isso principalmente para responder a interesses privados e estabelecer uma administração supostamente infalível das coisas.

Mas, olhando mais de perto o que caracteriza a inteligência artificial, observamos que se trata da extensão ilimitada de uma ordem que faz de cada enunciação da verdade uma oportunidade para iniciar ações, o surgimento de uma “mão invisível automatizada” de um mundo governado pelo sistema do feedback, uma “data driven society” (sociedade baseada nos dados) na qual a menor ocorrência do real é analisada para ser monetizada ou orientada para fins utilitários.

A inteligência artificial incorpora de forma exemplar as chamadas “tecnologias do exponencial”, projetadas e colocadas no mercado a velocidades que crescem de forma regular e que transformam permanentemente setores cada vez mais numerosos da sociedade. Esta cadência frenética é validada, quase normalizada, por meio das noções de “tecnologias de ruptura” e de “disrupção”, de acordo com a linguagem (novlangue) iconoclasta da indústria do digital.

O ritmo cada vez mais frenético dos “ciclos de inovação” faz parte de uma naturalização da evolução técnico-econômica, chegando a compará-la a um “tsunami”, isto é, a um fenômeno contra o qual é quase impossível opor-se, dado que seria uma força assimétrica que contribui com essa analogia inadequada, para impor a doxa (suposta verdade) do inevitável. Mas o que é característico dos artefatos é que eles não correspondem a nenhuma ordem natural; pelo contrário, são o produto da ação humana e interferem nos assuntos humanos.

O exponencial aniquila o tempo humano da compreensão e da reflexão, assinando a sentença de morte da política, entendendo-se esta como a capacidade de tomar decisões em comum através da contradição, da deliberação e da concertação, de acordo com princípios que se situam na base de toda democracia.

Quando se quer mostrar vigilância sobre esses desafios, convoca-se a ética, como se brandir esta bandeira pudesse representar a suprema defesa que nos protegeria dos principais desvios. Mas, como devemos entender essa noção? Provavelmente, através de alguns princípios cardeais, tais como: decidir livremente as próprias ações, não reduzir a pessoa a um puro objeto mercantil e não ser reduzido a um corpo que age respondendo a sinais.

Geralmente, quando a ética é invocada, refere-se a um coringa que é usado de acordo com os tropismos de cada um. Impôs-se uma forma muito particular, baseada em uma “liberdade negativa”, nas palavras do filósofo Isaiah Berlin, entendida como protetora exclusivamente do direito dos indivíduos contra as pretensões potencialmente abusivas do poder.

Entende-se melhor por que, assim que tentamos ocupar-nos da ética, chegamos a infinitas perguntas relativas à proteção dos dados pessoais e à “defesa da vida privada”. Mas o essencial do que está em jogo escapa a esse conceito, isto é, os modos de existência e organização que emergem e que nunca se encontram sujeitos ao prisma ético quando deveriam sê-lo, já que representam uma ofensa à autonomia de nossa capacidade de julgamento.

Está na hora de dar prioridade à ação política, fazendo valer contradiscursos e contra-argumentos que testemunhem a realidade das coisas, assim como a rejeição de alguns dispositivos quando se considera que pisoteiam a nossa integridade e dignidade. Isso constitui a colocação em prática da ação humana que, como propunha Hannah Arendt, torna-se possível pelo uso obstinado da razão: “A faculdade de julgamento, em relação à qual se poderia dizer com justiça que é a capacidade mental mais política do ser humano. (...) Isso, em momentos cruciais, pode prevenir catástrofes”.

De sorte que, neste momento crucial, urge não deixar a palavra para os evangélicos (fora do contexto religioso, seguidores de alguma ideia) da automatização do mundo e dar-se conta de que o surgimento de uma civilização dependerá do grau de exercício de nossa capacidade de julgamento em todas as esferas da sociedade, seja dirigida por sistemas normativos ou conduzida por indivíduos livres para decidir o curso de seus destinos, na consciência e na pluralidade.

Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/576432-a-inteligencia-artificial-o-superego-do-seculo-xxi-artigo-de-eric-sadin>>(adaptado) Acesso em: 13 ago.2025.

TEXTO MOTIVADOR 3

Vida 3.0 e o ser humano na era da inteligência artificial

José Eustáquio Diniz Alves

O livro “Life 3.0: Being Human in the Age of Artificial Intelligence” (2017), do físico e professor do MIT, Max Tegmark, que acaba de ser lançado, é uma relevante referência para a discussão sobre os impactos da Inteligência Artificial (IA), sobre a dinâmica econômica do mundo e sobre as possíveis reconfigurações da noção tradicional do ser humano.

O título da obra refere-se a uma terceira fase da história evolutiva. Por quase 4 bilhões de anos, tanto o *hardware* (corpos) quanto o *software* (capacidade de gerar conhecimento) foram consertados pela biologia. Nos últimos 100.000 anos, o aprendizado e a cultura permitiram aos humanos adaptar e controlar seu próprio *software*.

Na terceira fase iminente, o *software* e o *hardware* podem ser redesenhados. Isso, de certa forma, pode soar como transumanismo (o movimento para reengenharia de corpo e cérebro), mas o foco de Tegmark é a IA, que pode complementar as capacidades mentais com dispositivos externos.

Desta forma, o livro aprofunda a discussão sobre a IA e a condição humana e levanta questões essenciais da atualidade:

- 1) Como garantir o crescimento da prosperidade através da automação, sem deixar as pessoas sem emprego e renda e sem aumentar a exclusão social?
- 2) Como garantir que os futuros sistemas de IA façam o que queremos, com eficiência, sem falhas e sem serem pirateados?
- 3) Como evitar corrida armamentista em armas autônomas letais (robôs assassinos)?

4) A IA ajudará a humanidade a florescer como nunca, ou as máquinas inteligentes (robôs sapiens) eventualmente nos superarão em todas as tarefas, e até mesmo, nos substituíam completamente?

Em relação à primeira questão, o autor dialoga com aqueles que consideram que a IA trará uma benção econômica, com um enorme crescimento da produtividade e a criação de novos tipos de emprego para substituir os antigos que serão eliminados e aqueles que consideram que haverá um aumento do desemprego tecnológico e aumento da anomia.

Em relação à segunda questão, há sempre o risco de algum dispositivo tecnológico cometer falhas e provocar acidentes. Ele lembra que em 1979, Robert Williams, um trabalhador de uma fábrica de automóveis Ford em Michigan, tornou-se provavelmente o primeiro ser humano a ser morto por um robô, quando o braço robótico o atingiu na cabeça. O primeiro acidente fatal de um carro elétrico e autônomo aconteceu no ano passado. Mas, o autor considera que a tendência geral, no entanto, é para que a automação possa gerar fábricas e autoestradas substancialmente mais seguras. O número de acidentes industriais nos EUA caiu de 14.000 em 1970 para 4.821 em 2014. Os veículos sem motoristas (e sem volantes) poderiam eliminar cerca de 90% das mortes atuais.

Em relação à terceira questão, Tegmark vê riscos reais das máquinas autônomas letais (robôs assassinos) provocarem grandes danos e serem usadas nas guerras que existem de forma real ou potencial no mundo. Ele defende uma urgente regulamentação do uso destas armas.

Em relação à quarta questão, o autor vê pelo menos três cenários: a IA pode ser um fator de progresso e bem-estar para a humanidade, mas também pode levar à escravidão ou até mesmo a extinção da humanidade. O futuro está aberto, pode ocorrer uma "utopia libertária" ou um "Big Brother da IA".

Max Tegmark não toma partido pessoalmente de nenhuma dessas ideias específicas. Ele procura mostrar as alternativas e deixar que os leitores estabeleçam suas próprias ideias. Entretanto, ele chama a atenção dos pesquisadores da robótica e da IA sobre a complexidade dos temas envolvidos.

Mas como tecnólogo que trabalha na área da IA, a mensagem final do autor é bastante favorável à elite tecnológica que trabalha com inteligência artificial. O fato é que existem muitos desafios pela frente é importante que as pessoas possam acompanhar essa discussão e possam participar das decisões que vão reconfigurar o futuro da civilização.

É compreensível que as pessoas que trabalhem com IA tenham uma visão mais otimista. Mas personalidades importantes como Elon Musk e Stephen Hawking alertam para os perigos da Inteligência Artificial (Alves, 02/08/2017), especialmente quando se considera o seu uso para fins militares.

No dia 01 de setembro, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, disse que quem alcançar em primeiro lugar um avanço significativo no desenvolvimento da inteligência artificial virá a dominar o mundo. Ele disse que o desenvolvimento da IA levanta "oportunidades colossais e ameaças que são difíceis de prever agora".

Ou seja, a Revolução 4.0 e a Vida 3.0, prometem muita coisa boa, mas, na prática, podem desaguar numa disputa desastrosa. Como disse Stephen Hawking: "O desenvolvimento da inteligência artificial total poderia significar o fim da raça humana". O certo é que tudo é impermanente e crescem as incertezas.

Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/572778-vida-3-0-e-o-ser-humano-na-era-da-inteligencia-artificial>> Acesso em: 15 ago.2025.

[illegible]

